

# Lição 13 - Recapitulação.

## Intelecto. Sentido.

## Imaginação

TEXTO 431b20-432a14 - LIVRO III, CAPÍTULO VIII

### RECAPITULAÇÃO

### INTELECTO. SENTIDO. IMAGINAÇÃO

Agora, recapitulando o que dissemos sobre a alma, repitamos que a alma é, de certo modo, tudo o que existe; pois as coisas são ou sensíveis ou inteligíveis; e o conhecimento é, de certa maneira, o cognoscível, e a sensação é o objeto do sentido. Mas como isso ocorre, devemos investigar. Pois o conhecimento e a sensação dividem-se em realidades: o potencial corresponde às coisas que estão realmente em potência, o atual às coisas realmente em ato. Na alma, a faculdade sensitiva e aquela que pode conhecer são estas [coisas] em potência; a última [faculdade], o inteligível; a primeira, o sensível. §§ 787-8

Agora, elas devem ser as próprias coisas ou suas formas. Mas certamente não são as próprias coisas: nenhuma pedra está na alma, mas apenas sua forma. Assim, a alma é como uma mão: a mão é o instrumento que inclui outros instrumentos, e o intelecto é a forma que inclui outras formas, e o sentido, a forma que inclui as coisas sensíveis. §§ 789-90

Mas, como não existem coisas reais apartadas das coisas sensíveis e extensas (assim parece), então nas espécies sensíveis estão os inteligíveis, tanto aqueles predicados como resultado da abstração quanto quaisquer qualidades e hábitos encontrados nas coisas sensíveis. E, por isso, o que não percebe pela sensação não adquire nenhum conhecimento ou entendimento; e quando ocorre o pensar, deve haver ao mesmo tempo um fantasma como seu objeto; pois os fantasmas são como objetos do sentido, exceto que são sem matéria. §§ 791-2

A imaginação é diferente da afirmação e da negação: pois o verdadeiro e o falso são uma combinação de conceitos intelectuais. § 793

Que diferença têm os conceitos primários para que não devam ser fantasmas? Mas nem os outros são fantasmas, embora não existam apartados dos fantasmas. § 794

### COMENTÁRIO DE SÃO TOMÁS

## LEITURA TREZE

§ 787. Após tratar das potências do sentido e do intelecto, o Filósofo passa agora a tirar conclusões sobre a natureza da alma: mostrando primeiro que os primeiros filósofos estavam em parte certos e em parte errados sobre a alma; e em seguida explicando como o intelecto depende dos sentidos. Quanto ao primeiro ponto, ele explica primeiro como a alma, como disseram os primeiros filósofos, é de certo modo todas as coisas; e depois como ela não é todas as coisas do modo como eles supunham. Ele diz então, recapitulando, que se pode admitir que a alma é de certo modo todas as coisas; pois tudo é ou sensível ou inteligível, e o sentido e o intelecto (ou a ciência) estão na alma, sendo o sentido de algum modo o sensível, e o intelecto, ou a ciência, o inteligível ou o cientificamente cognoscível.

§ 788. Mas devemos perguntar como isso se dá. Pois o sentido e o conhecimento intelectual dividem-se 'em realidades', isto é, sua divisão em ato e potência corresponde a uma divisão semelhante na realidade; mas de tal modo que, enquanto o conhecimento intelectual ou sensível potencial corresponde às coisas potencialmente entendidas ou sentidas, e o conhecimento intelectual ou sensível atual corresponde às coisas realmente entendidas ou sentidas, há uma diferença entre as duas relações. Pois o sentido em ato e o intelecto em ato são os objetos que eles realmente sentem ou entendem; mas nem a potência sensitiva nem a intelectual é realmente seu objeto; é apenas potencialmente. E é assim que a alma é 'de certo modo' tudo.

§ 789. Em seguida, em 'Agora eles devem ser', ele mostra como os antigos aplicaram mal essa fórmula. Ele diz que, se a alma é de fato todas as coisas, ela deve ser simplesmente idêntica a todas as coisas ou uma semelhança formal de todas as coisas. A primeira visão era a de Empédocles, que afirmava que nós, sendo terra, conhecemos a terra, e sendo água, conhecemos a água, e assim por diante. Mas, obviamente, a alma não é simplesmente idêntica às coisas que conhece; pois não é a pedra em si, mas sua semelhança formal que existe na alma. E isso nos permite ver como o intelecto em ato é aquilo que entende; a forma do objeto é a forma da mente em ato.

§ 790. Assim, a alma se assemelha à mão. A mão é o mais perfeito dos órgãos, pois ocupa no homem o lugar de todos os órgãos dados a outros animais para fins de defesa, ataque ou cobertura. O homem pode suprir todas essas necessidades com suas mãos. Da mesma forma, a alma no homem ocupa o lugar de todas as formas de ser, de modo que, por meio de sua alma, o homem é, de certa forma, todo ser ou tudo; sua alma sendo capaz de assimilar todas as formas de ser — o intelecto, as formas inteligíveis, e os sentidos, as formas sensíveis.

§ 791. Em seguida, em 'Mas uma vez que existem': a doutrina que acaba de ser afirmada, ou seja, que o intelecto é, de certa forma, o objeto inteligível, assim como o sentido é o objeto sensível, poderia levar alguém a supor que o intelecto não depende dos sentidos; como seria o caso, de fato, se os objetos inteligíveis alcançados por nossa mente tivessem sua existência separada das coisas sensíveis, como pensavam os platônicos. Então, ele agora mostra a dependência do intelecto em relação aos sentidos; e depois prossegue (em 'A imaginação é outra') para mostrar que ele difere, não obstante, da imaginação, que também depende dos sentidos. Primeiro, então, ele observa que, uma vez que todos os objetos de nosso entendimento estão incluídos no âmbito das coisas sensíveis existentes no espaço, isto é, que nenhum parece ter esse tipo de existência

distinta separada das coisas do sentido que as coisas sensíveis particulares têm separadas umas das outras, segue-se que todos esses objetos inteligíveis têm seus seres nos objetos dos sentidos; isso sendo verdade não apenas para os objetos estudados pela ciência natural, as propriedades e modificações das coisas dos sentidos, mas até mesmo para as abstrações matemáticas. Segue-se, então, que sem algum uso dos sentidos, não podemos aprender nada de novo, como se fosse pela primeira vez; nem trazer diante de nosso entendimento qualquer conhecimento intelectual já possuído. Sempre que o intelecto considera algo em ato, deve ao mesmo tempo formar-se em nós um fantasma, isto é, uma semelhança de algo sensível.

§ 792. Os fantasmas, no entanto, diferem das coisas dos sentidos por sua imaterialidade. Pois, como mostramos, os sentidos recebem as formas das coisas imaterialmente; e os fantasmas nada mais são do que movimentos iniciados pela sensação atual.

Ficará claro agora que Avicena errou ao dizer que, uma vez que a mente adquirisse conhecimento, ela não precisaria mais dos sentidos. Pois sabemos por experiência que, para refletir sobre o conhecimento já adquirido, temos que fazer uso de fantasmas; e que qualquer dano ao aparato físico subjacente a eles tenderá a impedir o uso do conhecimento que já temos.

§ 793. Então, em 'A imaginação é outra', ele distingue entre intelecto e imaginação. (1) Com respeito à atividade normal do intelecto, que é compondo e dividindo, ele diz que imaginar não é nem afirmação intelectual nem negação intelectual; pois estas envolvem imediatamente verdade e falsidade; o que não é o caso com o imaginar. Apenas o intelecto conhece a verdade e a falsidade.

§ 794. (2) Ele pergunta (em 'Qual a diferença etc.') como as noções intelectuais primárias, o entendimento de objetos indivisíveis, diferem dos fantasmas; e ele responde que, embora estes sejam sempre acompanhados por fantasmas, eles diferem dos fantasmas pela sua universalidade: são abstraídos das condições individuantes, enquanto os fantasmas são sempre de particulares. Os fantasmas, de fato, não são indivisíveis em ato, mas apenas em potência.

---

Revision #1

Created 4 October 2026 20:07:41 by Admin

Updated 4 October 2026 20:08:17 by Admin